

FILHO, A. **Luanda Beira Bahia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Daiane Conceição Simões Santos¹

Na obra *Luanda Beira Bahia*, o escritor Sul-baiano Adonias filho apresenta como cenário as cidades de Ilhéus e Salvador, na Bahia; Luanda e Beira, na África. Os personagens expressam características híbridas que refletem a miscigenação racial ocorrida em terras colonizadas. O autor descreve minuciosamente as paisagens em todas as partes da história e apega-se principalmente a elementos naturais como árvore, céu, terra e mar. A obra divide-se em seis partes, nas quais podemos perceber representações identitárias da nossa nação colonizada, o resgate da memória cultural da região sul-baiana, referência ao hibridismo étnico - cultural, à ruptura com as origens e o retorno à tradição.

Na primeira parte do livro, o autor descreve em detalhes paisagens e o modo de vida dos habitantes do Pontal, bairro de Ilhéus, na época em que muitos homens embarcavam nos navios e deixavam para trás suas esposas e filhos. *“O mar levava os homens para muito longe. Voltavam alguns, quando voltavam, e outros desapareciam como se morressem (...) tinham que ir e iam como enfeitiçados”* (p.7) Coqueiros, praias, pássaros e uma árvore chamada Jindiba, que segundo o autor tinha tronco imenso, raízes profundas, copa gigante e se torna para os personagens uma espécie de símbolo da tradição, vínculo com a terra natal. *“A jindiba falasse e não diria o mesmo. A árvore, que Caúla já aceitava como um pedaço de si próprio”*. (p.6)

Em seguida, são apresentados, ainda nessa parte, alguns personagens: Morena, Pé-de Vento (mulato), João Joanes (descendente de portugueses) e seu filho Caúla, que parte para o mar, após a morte de sua mãe, em busca do resgate de sua própria identidade. Ele tenta estabelecê-la relativamente fora do domínio determinista da tradição, longe de Ilhéus, sua terra de origem, conhecendo outros lugares do mundo, outros mares. Luanda, Beira e Bahia.

¹ Aluna do 9º Semestre de Letras, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista de I.C. do CNPq, orientanda da Prof^a Dr^a Sandra Maria Pereira do Sacramento, no Projeto Coisas do gênero: patrimônio e cultura

Na segunda parte, Beira, cidade africana, é descrita também a partir de elementos naturais, céu, noite, selva, planícies, rios, ventos. Um barco ancora no porto de Beira e os personagens Caúla e Pé-de-Vento admiram a natureza e a cidade, e encontram pontos em comum com a Bahia, terra-mãe. *“Ver os mercados, sobretudo aquele dos pobres, é voltar à Bahia, andar de novo com os negros, comer as mesmas frutas, pegar no ar o cheiro do dendê fervendo.”* (p. 40). Daí o autor narra a rotina dos marinheiros que chegam e sempre partem em busca de seus destinos. No porto africano, encontram-se muitas mulheres tentando rever seus maridos que desapareceram nos mares, entre elas a mãe da personagem luta, e outras que os assediam em busca de aventuras amorosas e dinheiro fácil. Depois, comparam-se as velhas praças da cidade, as calçadas, os sobradinhos, casarões e mercados aos da terra baiana. Adonias realça ainda que o mar é o elo entre essas duas cidades que têm como traço comum mais forte, além da geografia, o componente étnico negro. Ele afirma que o mar traz os barcos e estes o mundo, sobretudo os homens que navegam sem descansar, para um dia voltar as suas origens.

Na terceira parte do livro, a história se passa em Salvador, já de volta à Bahia. Os personagens mestre Vitorino, Baixinho e Caúla chegam ao cais da Bahia. Logo, o autor descreve o modo de vida dos habitantes de Salvador. Cita o Mercado Modelo, o caruru, o aguardente em bambu e coco, o comércio, o mar, *“o que balança aquele mundo flutuante, sempre a alterar-se, verdadeiro labirinto movediço”* (p.79); o elevador Lacerda, os cabarés do porto, *“lugar aonde há perigo com gente do mundo a passar, aventureiros e ladrões, contrabandistas e vagabundos, rameiras caçando homens”*. (p.81)

E, ainda na terceira parte, é narrada a aparição de João Joanes, o Sardento, o pai de Caúla, em Salvador. Adonias o descreve como: *“A cara sardenta e vermelha de galo de briga, a cabelação alourada, azulão nos olhos. Alto não era, mas forte, de peitos largos. Parecia um gringo”* (p. 10). Naquele momento, estava foragido da polícia e ameaçado de morte, em Salvador, por contrabando. Pensava em Ilhéus, sua terra, suas origens, no filho e na mulher que abandonou havia muito tempo. *“João Joanes vê pedaços da Bahia saindo das sombras, Igrejas e Fortes como manchas negras.”* Pensava em retornar às suas origens.

Caúla já se sente homem feito, um marinheiro de verdade, chegando a Salvador de volta à Bahia após a viagem de barco para Luanda, na África. Envolve-se com uma mulher de vida fácil, chamada Conceição do Carmo. Adonias a descreve dessa forma: *“Rebolando, atraindo os homens, a vagabunda. Mulatinha de olhos verdes, cabelos corridos, seios grandes e coxas grossas, uma cachorra sempre no cio. Aparecia quase todos os dias, no almoço, caçando os marinheiros”*. (p. 58) Logo depois, apaixonado pela primeira vez, decepciona-se com ela. Retorna a Ilhéus.

Já na quarta parte, Adonias fala sobre luta. Jovem de pele morena, noiva do toureiro Nizuá, filha de uma angolana- Corina Mulele- e de um brasileiro chamado Vicar, vive em Angola, na África, vendendo frutas numa barraca. Luta vive na companhia de José Babino, amigo de seu pai. Este, tal qual o pai de Caúla, partiu um dia para o mar e jamais retornou. Mas ela ainda tinha esperança de revê-lo; já sua mãe havia morrido nessa espera. Enquanto isso, ele viajava, fugitivo, para o Brasil num navio, com seus companheiros Lopo Quinto e Gando, um mestiço. O autor faz questão de marcar sempre em seu discurso, no enredo da obra, a raça dos personagens, denotando a intenção de realçar a identidade híbrida deles, refletindo a formação do povo brasileiro.

Na quinta parte, Adonias narra outra viagem de Caúla para Salvador. Lá, ele encontra Conceição de Carmo e decepciona-se outra vez. Logo em seguida, viaja de barco, junto a dois amigos marinheiros, para Luanda. Tem um rápido envolvimento com Maria-do-Mar, ao chegar a Beira. O autor descreve suas características híbridas: olhos verdes, cabelo acinzentado, mestiça de pele macia e escura, cabelos corridos.

Já na sexta e última parte do livro, os personagens chegam a Angola. Caúla logo conhece luta, moça morena de pele queimada, cabelos corridos, realça o autor. Os dois se apaixonam. Caúla resolve morar em Angola e passa a trabalhar como sapateiro. Eles passam viver juntos, como marido e mulher. Nizuá não se conforma, enraivado como um touro, por ter perdido sua noiva. Caúla, sentindo saudades da sua terra, resolve voltar para Ilhéus com luta. Pensava na Jindiba, na praia, na sua casa, em resgatar sua identidade, sua origem. Ao chegar, descobre que será pai. Logo, reencontra também o próprio pai que há muito havia partido. Em seguida, descobre que ele, seu pai, também

é o pai de luta. Desespera-se por estar vivendo um amor incestuoso. A história termina tragicamente.

Ao ler a obra *Luanda Beira Bahia*, percebe-se que Adonias Filho envolve o leitor com um texto narrativo-descritivo rico em detalhes. Esse fato permite ao leitor visualizar facilmente o cenário e as características físicas híbridas dos seus personagens. A partir das impressões que eles têm sobre as vivências, no decorrer da história, são sinalizados os pontos comuns nas paisagens e no modo de vida do povo, o brasileiro e o africano. "*Caúla (...) sabia que grande era o mundo dos africanos. Selvas por dentro, feras em liberdade, tribos dançando. Pedacos vivos desse mundo estavam na Bahia.*" (p.17) O autor visa, com isso, uma aproximação de culturas, entre Luanda, Beira e Bahia, uma reafirmação de identidade cultural. E já que esses lugares foram colonizados por conquistadores lusitanos, logicamente há pontos comuns entre suas culturas, além do elemento étnico branco e negro, uma herança colonizadora, uma vez que ambos povos se formaram a partir de uma mistura étnica, originada durante a relação colonizador/ colonizado.

Esse hibridismo de culturas, Adonias menciona em todas as partes do livro. Apresenta ao leitor os traços físicos de seus personagens mestiços, que refletem o perfil do próprio povo brasileiro. A figura feminina, nessa obra, é mestiça, tem "cabelos corridos e pele queimada", como diz o autor. Não é o estereótipo do colonizador europeu, não é uma reprodução do modelo eurocêntrico, mas sim a mulher sensual, de beleza brejeira, forte, ousada e voluptuosa.

E mesmo sendo uma obra ficcional, *Luanda Beira Bahia* espelha a história da nossa cultura, interpenetrando-se ficção e realidade e, ao mesmo tempo, o local e o global. Sob essa ótica, concluímos que a história do povo africano mistura-se a do povo brasileiro. O personagem Caúla parte num navio, em busca de suas origens e as encontra do outro lado do mundo, na África, onde se encontram seu pai, sua irmã e sua mulher luta.

O autor também utiliza símbolos como a constante referência ao mar e a uma árvore chamada Jindiba. O mar é percebido como elemento de ligação de um território a outro. Ele leva os personagens da Bahia para Beira, de Beira para Luanda e desta para a Bahia novamente. Adonias narra uma história contemporânea e, sendo assim, apresenta fatos que refletem o resultado das

trocas culturais resultantes da interação dominador/ dominado, no Brasil e na África. A árvore chamada Jindiba, da qual os personagens lembram-se constantemente quando estão longe da terra natal é uma alusão simbólica à do ser humano pelas suas raízes, resgate de suas origens; uma alusão à história de vida que o ser humano constrói; sua terra, sua família, tudo o que gera vínculos emocionais.

Por tudo o que foi mencionado, percebe-se a relevância da obra *Luanda Beira Bahia* para a cultura nacional. Adonias aborda a heterogeneidade cultural, a afro-descendência, questões étnicas e de gênero, que constituem não só a história da região Sul-baiana. Além disso, a análise dessa obra nos proporciona discussões acerca das contribuições literárias como forma de construção das identidades regionais. E, ao levantar discussões sobre essa obra, difundimos o conhecimento e valorizamos a literatura regional.